

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

VERÔNICA RACHEL OSIK JUNQUEIRA

**A MÚSICA COMO ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA EM SAÚDE
MENTAL: REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de artigo como requisito a formação no Bacharelado em Enfermagem da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), sob orientação do professor Roberto Nascimento de Albuquerque.

BRASÍLIA, DF

2019

A música como estratégia terapêutica em saúde mental: revisão de literatura

Verônica Rachel Osik Junqueira¹
Roberto Nascimento de Albuquerque²

Resumo

A terapia em saúde mental objetiva a reabilitação e a reinserção social do paciente. Um método eficaz de estratégia é a musicoterapia. A música permite a amenização de sintomas negativos. O objetivo do estudo foi verificar o uso da música como estratégia terapêutica aos pacientes com sofrimento psíquico no âmbito da saúde mental. Trata-se de uma revisão de literatura do tipo narrativa sobre a musicoterapia em saúde mental. Foram utilizadas diferentes fontes e metodologias para qualificar as evidências científicas. A discussão foi subdividida em três categorias, sendo elas: a literatura na última década; a música, a reinserção social e a expressão de sentimentos da pessoa com sofrimento psíquico; e a relação entre a música e a assistência de enfermagem em saúde mental. Obteve-se resultados positivos utilizando a música como estratégia terapêutica. Verificou-se otimização da qualidade de vida, da expressão de sentimentos, do desenvolvimento de comunicação e da reinserção social.

Palavras-chave: Musicoterapia. Transtornos Mentais. Enfermagem. Enfermagem Psiquiátrica.

Abstract

Music as a therapeutic strategy in mental health: literature review

Mental health therapy aims to improve rehabilitation and social reinsertion for patients with mental disorders. An effective strategy method is music therapy. Music is used as a complementary form of assistance that allows relief of negative symptoms. The objective of this study is to check the use of music as a therapeutic strategy with mental health patients. It's a narrative and comprehensive literature review about music therapy in mental health. Different databases and methods were used in the search analysis to qualify the scientific evidence. The development was subdivided into three categories: the literature in the last decade; music, social reinsertion and feelings expression of patients with mental disorders; and the relation between music and nursing practice. Positive results were noticed by using music as a therapeutic strategy. There were improvements on the quality of life, feelings expression, communication development and social reinsertion of the patients.

Keywords: Music Therapy. Mental Disorders. Nursing. Psychiatric Nursing.

¹ Acadêmica de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

² Mestre em Enfermagem. Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a atenção aos pacientes com transtornos mentais era limitada às internações, retirando-os do convívio social. Nas últimas décadas, após a modificação do modelo assistencial proposto pela Reforma Psiquiátrica, em 1970, as estratégias modificaram-se e, atualmente, têm como foco principal a reabilitação e reinserção social dessas pessoas. Desta forma, a valorização do cuidado à saúde mental foi intensificada, permitindo, conseqüentemente, um olhar diferenciado e humanizado aos portadores de sofrimento psíquico (JORGE *et al.*, 2011).

A Lei da Reforma Psiquiátrica, Nº 10.216/01, dispõe sobre a proteção e os direitos da pessoa com transtorno mental. É assegurado aos pacientes com transtornos mentais o direito ao acesso ao melhor tratamento disponibilizado no Sistema Único de Saúde (SUS), ao tratamento humanizado e respeitoso, visando a reinserção social, além do direito ao tratamento em ambiente terapêutico menos invasivo possível. O redirecionamento das práticas profissionais em atenção à saúde mental possibilita o maior envolvimento da comunidade e dos familiares junto ao paciente, melhorando, assim, a qualidade assistencial (BRASIL, 2001).

A Reforma Psiquiátrica modificou ideológica e estruturalmente a assistência ao atendimento à saúde mental, tornando-a individual e humanizada. É uma política de saúde que propõe a desinstitucionalização da assistência psiquiátrica, ou seja, propõe a diminuição do número de internações e fortifica a importância da atenção primária em saúde (LIMA; SICILIANI; DREHMER, 2012).

A desinstitucionalização constitui-se por estratégias em saúde que permitem o cuidado integral às pessoas com sofrimento psíquico, de forma a substituir o modelo hospitalocêntrico, inserindo práticas que promovam a autonomia dos pacientes, com objetivo de inclusão social progressiva destes. A equipe multiprofissional em atenção à saúde mental tem como principal função, segundo o Art. 5º da Portaria 2.840/14, realizar a avaliação clínica, psiquiátrica e psicossocial das pessoas com transtornos mentais, podendo, então, elaborar um Plano Terapêutico Singular (PTS) a cada paciente específico (BRASIL, 2014).

O PTS é um instrumento muito utilizado nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Esses centros caracterizam-se como serviços comunitários à população em sofrimento psíquico. Os CAPS são subdivididos por modalidades de serviços, entre eles, o CAPSI, CAPS II e CAPS III, definidos por ordem crescente de complexidade de assistência e abrangência populacional; o CAPS álcool e drogas (CAPSad), para pacientes com necessidades relacionadas ao abuso de substâncias e o CAPS infanto-juvenil (CAPSi), para atendimento exclusivo de crianças e adolescentes (BRASIL, 2011).

O PTS é um instrumento que considera a história e as necessidades individuais de cada usuário para fins terapêuticos e, para realização deste, é necessário que o acolhimento seja qualificado, de forma a reconhecer as individualidades de cada paciente e construir vínculo confiável entre usuário, familiares e profissionais de saúde. Após traçar o PTS, são inseridas algumas intervenções que o CAPS disponibiliza aos pacientes, as quais podem incluir: ações por meio do trabalho, reinserindo-os na comunidade; lazer e bem-estar, praticando atividades artísticas, como música, rodas de conversa e oficinas em grupo; e fortalecimento dos laços familiares, incluindo-os no processo de tratamento (CARVALHO, 2012).

Assim, a arte é um dos planos realizados como terapia em saúde mental. É reconhecido que a utilização da arte, em geral, incluindo desenhos, pinturas, dança, teatro, poesia e música, apresenta benefícios às pessoas com sofrimento psíquico. Através da expressão artística, o paciente é capacitado a desenvolver o reconhecimento sobre seus próprios pensamentos e redefinir sua identidade pessoal, realizando um processo de cura progressivo. Além disso, possibilita a socialização, conexão, segurança e coragem de manter-se em atividades coletivas, facilitando o objetivo principal da Reforma Psiquiátrica: a reinserção social. Os programas artísticos em ambientes psiquiátricos, como o CAPS, possibilita o desenvolvimento de habilidades confortantes, expressão de sentimentos e um maior reconhecimento individual (LITH; SCHOFIELD; FENNER, 2011).

No Brasil, a psiquiatra Nise da Silveira foi responsável pela inserção da arte como terapia em saúde mental, quando percebeu a necessidade de mudança do tratamento agressivo oferecido na época. Ela fundou a Seção de Terapêutica Ocupacional, em 1946, no Hospital Engenho de Dentro (RJ) em que os recursos utilizados para promover a saúde mental dos doentes eram baseados no aumento do vínculo com a realidade, através da expressão e da criatividade trabalhadas nos ateliês artísticos. Vale ressaltar que a música também foi uma das estratégias utilizadas nesse contexto (MELLO, 2014).

A musicoterapia é uma atividade realizada por um profissional capacitado e qualificado denominado musicoterapeuta, em que a música e seus elementos são utilizados para alcançar as necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas, segundo a Federação Mundial de Musicoterapia (1996). Entretanto, a música na medicina é utilizada por diversos profissionais, em diferentes ambientes terapêuticos, como método não-farmacológico de assistência. Por isso, Bulechek (2016) também utiliza o termo musicoterapia para classificar a intervenção integrativa e complementar, a qual está inserida no sistema de Classificação das Intervenções de Enfermagem (NIC).

As práticas integrativas e complementares estão sendo cada vez mais utilizadas como tratamento na área da saúde mental. Atualmente, existem 29 recursos terapêuticos disponibilizados pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC),

que define a implantação e a implementação dessas práticas instituídas no SUS. Recentemente, a musicoterapia foi incluída na PNPIC pela Portaria nº 849, de 27 de março de 2017, como um recurso expressivo que utiliza a música e seus elementos como estratégia terapêutica (BRASIL, 2006; BRASIL, 2017).

A musicoterapia é uma das práticas mais efetivas da saúde mental, utilizada nos primórdios da enfermagem, pela teorista Florence Nightingale, em 1859, e pelas enfermeiras Isa Maud Ilse e Harriet Ayer Seymour, na Segunda Guerra Mundial (DAVIS; HADLEY, 2015). Essa desconstrução da necessidade única e exclusiva de psicofármacos como terapia aos transtornos mentais tem sido realizada durante os anos, possibilitando estratégias alternativas, em especial, as terapias musicais, como método de intervenção.

Portanto, justifica-se esse trabalho, pois a música permite a amenização de dores físicas e emocionais, estresse e ansiedade aos pacientes da saúde mental. Além disso, sabe-se que os transtornos mentais podem desencadear pensamentos suicidas, tornando, assim, a musicoterapia um método adjuvante e qualificado para alívio dessas angústias (SILVA FILHO *et al.*, 2018).

Assim, o presente estudo tem como objetivo verificar o uso da música como estratégia terapêutica aos pacientes com sofrimento psíquico no âmbito da saúde mental.

2. METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de literatura do tipo narrativa e compreensiva de estudos e pesquisas sobre a musicoterapia em saúde mental. Considerou-se a busca de maiores evidências científicas, utilizando diferentes fontes, abordagens e metodologias. A revisão narrativa é caracterizada por uma revisão exploratória, ou seja, há uma diversidade nas combinações de resultados, podendo ser encontrados em múltiplas fontes. As publicações utilizadas como referencial são amplas, abrangendo todas as categorias de artigos publicados, possibilitando o conhecimento integral de um tema específico (ROTHER, 2007).

A presente revisão utilizou publicações entre o período de 2010 e 2019, avaliando o referencial da última década e os progressos das informações durante os anos até o presente momento. Nota-se que foram encontrados artigos em todos os anos sobre o tema proposto e, ainda, houve um crescimento gradativo da quantidade de pesquisas sobre o assunto durante os anos.

As palavras-chave utilizadas na busca de referencial para revisão foram: Musicoterapia, Transtornos Mentais, Enfermagem e Enfermagem Psiquiátrica. Além disso, foram feitas as seguintes combinações, a fim de encontrar o maior número de dados possíveis e ressalta-se o uso da técnica de busca booleana “and”: Musicoterapia AND Transtornos

Mentais; Musicoterapia AND Enfermagem Psiquiátrica; Transtornos Mentais AND Enfermagem.

A busca de referencial teórico foi realizada entre os meses de março e abril de 2019 por meio de pesquisa eletrônica na base de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) que contempla a Biblioteca Virtual de Saúde Enfermagem, a Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE) e o Banco de Dados em Enfermagem: Biblioteca brasileira (BDENF); PubMed e Redalyc. Foram realizadas, também, pesquisas eletrônicas no Google Acadêmico, que contempla um maior quantitativo de bases de dados virtuais.

Como critérios de pesquisa, foram utilizados artigos publicados nas referidas bases de dados nos últimos dez anos, em português e inglês, disponíveis gratuitamente e na íntegra, que contemplassem o tema proposto para esta pesquisa. Não foram utilizados artigos que não estivessem disponíveis na íntegra, artigos que estivessem fora do período estabelecido e que não abordassem o tema proposto.

Buscando facilitar o conhecimento acerca da temática, optou-se por sistematizar os resultados em três categorias: 1) a literatura na última década; 2) a música, a reinserção social e a expressão de sentimentos da pessoa com sofrimento psíquico; e 3) a relação entre a música e a assistência de enfermagem em saúde mental.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 A literatura na última década

Foram analisadas e selecionadas 26 publicações para o desenvolvimento do presente estudo. Entre elas, evidenciou-se que a maioria dos estudos estava indexada na base de dados BDENF (n=10; 38,46%), seguido da SciELO Analytics (n=6; 23,07%), LILACS (n=3; 11,53%), Google Acadêmico (n=3; 11,53%), PubMed (n=2; 7,69%) e, por fim, Redalyc (n=2; 7,69%).

Dos artigos selecionados, sete (26,92%) foram publicados em 2013, seis (23,07%) em 2016, dois em 2018, 2017, 2015, 2014, 2012 e 2010 (46,17%) e um (3,84%) em 2011.

Quanto ao método de pesquisa, do ponto de vista da abordagem do problema, treze estudos utilizaram a abordagem qualitativa, três artigos de abordagem quantitativa, três relatos da experiência, cinco revisões de literatura integrativas e duas revisões sistemáticas de literatura.

Do ponto de vista dos objetivos dos estudos qualitativos, sete pesquisas foram consideradas descritivas e, entre elas, cinco foram definidas como descritivas exploratórias. Houve, ainda, duas pesquisas analíticas, dois estudos com abordagem de amostra

participante, um narrativo, e um expositivo-argumentativo. Todas as pesquisas foram realizadas em ambientes de terapia de saúde mental (CAPS e hospital psiquiátrico), onde foram efetuados os estudos e coletados os dados, buscando alcançar os fatores que estão relacionados à música como estratégia terapêutica nesses locais. Em relação à localidade, no Brasil, a região Sudeste compreende mais trabalhos sobre o tema estudado, seguido da região Sul e Nordeste. No Centro-Oeste, as publicações apresentaram-se incipientes. Não foram encontradas publicações nas regiões Norte.

3.2 A música, a reinserção social e a expressão de sentimentos da pessoa com sofrimento psíquico

Os psicofármacos são terapias importantes no cuidado em saúde mental, sendo necessário o controle atencioso e periódico quanto à sua utilização. Porém, sabe-se que estes medicamentos podem causar dependência e efeitos indesejados, os quais são fatores que interferem na qualidade de vida dos pacientes em sofrimento psíquico (LEONARDO *et al.*, 2017).

Diante da reforma psiquiátrica, o objetivo do novo modelo assistencial em saúde mental, é a desconstrução do pensamento de que a terapia farmacológica é o único método terapêutico para pacientes da área de saúde mental. Desta forma, é possível valorizar tecnologias não-farmacológicas com foco nas relações, abordando os pacientes com uma visão psicossocial (BEZERRA *et al.*, 2016). Esta forma de assistência, que observa o paciente como um todo, está presente nas ações multiprofissionais em saúde, utilizando como recurso terapêutico as oficinas e os grupos de convivência (ZANELLA, 2016).

Dentre os métodos não-farmacológicos, a musicoterapia é utilizada pelos profissionais atuantes da saúde mental para promover a reinserção social desses pacientes. O uso da música como prática terapêutica age de forma efetiva, promovendo interação interpessoal, comunicação ativa e práticas coletivas, as quais podem facilitar o convívio na sociedade e valorizar a identidade pessoal de cada indivíduo inserido (FREITAS *et al.*, 2013).

Um dos principais objetivos dos CAPS está relacionado à reinserção do paciente na comunidade. Para que isso ocorra, é necessária a participação de todas as pessoas envolvidas socialmente com o paciente, principalmente os familiares. Porém, muitos pacientes expressam a falta do apoio familiar diante dos transtornos mentais, o que torna o ambiente de atenção psicossocial um novo lar para muitos deles. Por isso, é de fundamental importância que os profissionais desse ambiente terapêutico acreditem nas potencialidades dos pacientes e reaproxime-os à sociedade e aos familiares, utilizando as práticas integrativas, dentre elas a música, como método para alcançar esse objetivo. Essas práticas podem desenvolver nos

pacientes a autonomia, a autoconfiança e, conseqüentemente, uma nova perspectiva de vida (PARANHOS-PASSOS; AIRES, 2013).

A música é uma assistência integrativa que evidencia as interações interpessoais, utilizando terapias coletivas como ponto inicial de reinserção na comunidade. Em uma pesquisa realizada em um CAPSad, em Maceió, Alagoas, foi identificado que a música é um recurso facilitador de trocas de vivências, de ampliação do conhecimento cultural e de compreensão das situações cotidianas. Além disso, a música desenvolveu o processo de comunicação e, conseqüentemente, auxiliou no retorno desses usuários ao convívio social (BATISTA; RIBEIRO, 2016). Por isso, as intervenções musicais são capazes de exercer funções que vão além da percepção visual, podendo promover a comunicação em diversas linguagens, tanto verbais como não-verbais (SEKI; GALHEIGO, 2010).

Em estudo realizado no CAPSi de Brasília, Distrito Federal, a intervenção musical também obteve respostas positivas relacionadas à comunicação e à interação interpessoal entre os pacientes com transtorno do espectro autista (TEA). Nota-se que foi possível modificar os padrões de isolamento dos pacientes submetidos ao método terapêutico, melhorando a comunicação verbal e não verbal, fatores conhecidamente alterados em pessoas com o diagnóstico dessa patologia. Além disso, a música estimulou a habilidade de se relacionar com os outros pacientes, otimizando a interação social (FRANZOI, 2016).

Batista e Ferreira (2015) também relataram sobre a utilização da música para o desenvolvimento e a manutenção emocional. O estudo, realizado em CAPS I, apresentou pontos positivos relacionados à audição musical, que tornou possível a emergência de sentimentos de esperança e confiança através do saudosismo, dos momentos revividos e da comunicação pelas rodas de conversas. A musicoterapia transpareceu o potencial de reinserção social dos pacientes, os quais puderam criar vínculo pelas trocas de experiências e obtiveram ajuda mútua no enfrentamento do sofrimento psíquico vivenciado.

Em relação à expressão de sentimentos, Moore (2013) afirma que a música tem relação direta com a influência de emoções e humor, identificando, ainda, que existe um estímulo das áreas do sistema nervoso ao haver contato direto com a arte. Portanto, a música é um recurso cultural que desenvolve uma amplitude de sensações, tanto individuais quanto coletivas, podendo causar uma influência positiva na vida do ser humano (BERNARDES, 2012).

Essa influência positiva também é reconhecida entre as pessoas com sofrimento psíquico. Participantes da terapia com música vivenciam um momento de bem-estar intensificado, expressão facial de satisfação, qualificação da expressão corporal e, conseqüentemente, diminuição dos sintomas de sofrimento. A música, então, propicia uma influência psicológica positiva a qual possibilita o paciente a expressar suas emoções, relacionando-as ao seu estado psíquico. Ademais, a estratégia soma os sentimentos de

valorização e acolhimento aos pacientes, diferentemente observado no sistema institucionalizado e retrógrado da assistência em saúde mental (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

Além disso, durante a realização das atividades musicais terapêuticas, a compreensão dos conflitos internos que os pacientes em sofrimento psíquico vivenciam é exercitada, de forma a possibilitar o potencial de expressão dos sentimentos (AZEVEDO; MIRANDA, 2011).

Em estudo realizado com pacientes usuários de substâncias psicoativas, a música apresentou-se como um forte recurso para a autopercepção e para o enfrentamento de sentimentos dos indivíduos inseridos na prática musical. Foi possível observar o progresso dos pacientes quanto às reflexões de vida, ao afeto e ao compartilhamento de vivências durante a musicoterapia, o que tornou-se ferramenta fundamental para a expressão reflexiva das emoções, para o reconhecimento dos sofrimentos e para a autocrítica (SILVA; ROSA, 2017).

Em outra pesquisa realizada com pacientes com transtornos diversificados, dentre eles, transtorno afetivo bipolar, esquizofrenia e os transtornos de personalidade histriônica e paranoide, foi possível detectar que a música tornou-se um meio efetivo de expressar as angústias e liberar os sentimentos negativos, tais como o medo, a tristeza, a raiva, a agitação e a agressividade. O alívio desses sentimentos foi associado, ainda, com a redução da dor física, muitas vezes relacionadas às angústias psicológicas, proporcionando um melhor estado emocional momentâneo e pós terapêutico. Os próprios pacientes do estudo referiram a musicoterapia como um tratamento mais humanizado, que garante o sentimento de valorização pessoal e melhor adesão ao tratamento (CÂMARA; CAMPOS; CÂMARA, 2013).

3.3 A relação entre a música e a assistência de enfermagem em saúde mental

A equipe de enfermagem apresenta grande responsabilidade junto ao paciente em sofrimento psíquico e seu plano terapêutico, pois deve desenvolver estratégias de acolhimento e vínculo. Porém, reconhece-se que esses profissionais apresentam, ainda, dificuldades na assistência integral à saúde mental. Entretanto, diante da nova perspectiva proposta pela reforma psiquiátrica, o cuidado em saúde mental tem sido aprimorado pelos profissionais de saúde, adequando às necessidades de cada paciente. Com isso o cuidado tem se tornado mais eficaz (FUREGATO, 2012).

A música como intervenção terapêutica é utilizada na assistência em saúde como recurso complementar para diversos ambientes terapêuticos e diferentes condições clínicas (TAETS; BARCELLOS, 2010). A musicoterapia, nas intervenções da assistência de enfermagem, é utilizada para definir uma mudança específica desejada no comportamento, na fisiologia e/ou nos sentimentos de um paciente sob cuidados (BULECHEK, 2016).

Desta maneira, o uso da música como estratégia terapêutica pelos enfermeiros foi concedido pela resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) n. 581 de 2018, referindo a musicoterapia como especialidade das práticas integrativas e complementares da assistência de enfermagem. A introdução das práticas musicais pelos profissionais de enfermagem reflete uma resposta positiva dos pacientes, beneficiando o bem-estar, promovendo a qualidade de vida e o relaxamento durante o cuidado (ALMEIDA; SILVA, 2013). Além disso, a música no cuidado de enfermagem torna o ambiente terapêutico mais leve e dinâmico e estimula a mente dos pacientes por meio da experiência lúdica (ARAÚJO *et al.*, 2014).

De acordo com Rohr e Alvim (2016), a utilização da música é um recurso terapêutico subjetivo, que pode otimizar a qualidade do cuidado em enfermagem, contanto que seja uma terapia realizada através das evidências científicas sobre a temática e com o conhecimento de sua prática. Além disso, evidencia que a preferência do paciente deve ser considerada, podendo optar por estilos musicais que mais adequem às suas individualidades. Ainda refere a importância dos ritmos dos sons serem preferencialmente suaves, com volume e timbre adequados, por proporcionarem um estado de relaxamento inconsciente e, conseqüentemente, pode contribuir para a redução dos sintomas de sofrimento.

Para desenvolver uma intervenção de enfermagem efetiva, é necessário observar todas as subjetividades e integralidades dos pacientes, utilizando uma visão holística (SILVA *et al.*, 2014). A musicoterapia, além de ser um método não farmacológico que aumenta a qualidade de vida do paciente, também possibilita essa visão, tornando o processo de enfermagem mais acessível. Sabe-se que o vínculo entre o profissional de enfermagem e o paciente é uma questão essencial para o cuidado em saúde mental. Esse vínculo pode ser estabelecido através dos planos terapêuticos individuais, uso da musicoterapia e contatos diretos e indiretos com os pacientes e familiares. Além do vínculo, a escuta ativa deve ser utilizada como promoção da saúde mental (BARCELOS *et al.*, 2018).

A comunicação efetiva é estabelecida através de uma relação confiável entre os profissionais e pacientes. As habilidades de interação com pessoas com sofrimento psíquico são adquiridas com a prática e com o tempo de experiência, entretanto, é possível que o enfermeiro realize o aperfeiçoamento da escuta ativa em qualquer administração de cuidado. A escuta ativa proporciona, além da criação do vínculo com o paciente, a percepção integral de toda informação verbal e não-verbal, a compreensão do contexto de vida e o envolvimento com as histórias relatadas, fatores que são essenciais para tornar o cuidado efetivo. O apoio emocional em saúde mental é uma medida ativa de tratamento, sendo necessário para a qualificação da assistência (AZEVEDO; ARAÚJO; VIDAL, 2015).

É reconhecido que pessoas com sofrimento psíquico têm, frequentemente, limites sociais e afetivos, o que dificulta a criação de vínculo entre eles e os profissionais de

enfermagem. Após as intervenções com oficinas musicais, foram identificados diversos benefícios recorrentes a esses pacientes, e entre eles, está presente a facilitação do relacionamento interpessoal com os profissionais de saúde. A comunicação entre paciente com sofrimento psíquico e enfermeiro é complexa, necessita de um olhar mais crítico, de compreensão de sentimentos, de reconhecimento das fragilidades e, principalmente, de um diálogo qualificado. A música pode ser capaz de sensibilizar esses fatores, fazendo com que o profissional perceba sua importância e responsabilidade no ambiente terapêutico (ALMEIDA; ZEFERINO; FUREGATO, 2013).

Assim, a musicoterapia é ferramenta essencial no planejamento da assistência de enfermagem aos pacientes da saúde mental, pois necessitam de métodos menos invasivos e mais humanizados como recursos terapêuticos. A utilização da música como estratégia terapêutica alcançou resultados não apenas individuais, como também coletivos. Isto reforça que esse recurso poderia ser mais utilizado pelos enfermeiros e equipe nos diversos níveis de complexidade de assistência em saúde mental (NÓBREGA; SOUSA, 2013).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A musicoterapia como terapia complementar à assistência de enfermagem obteve resultados positivos entre os pacientes com sofrimento psíquico. A música foi efetiva na interação interpessoal e no desenvolvimento da comunicação, o que permite a reinserção do paciente na sociedade. Além disso, evidenciou-se grandes avanços na expressão de sentimentos, na redução de pensamentos negativos, no alívio de angústias e na ampliação da qualidade de vida desses pacientes.

Portanto, faz-se necessária a utilização de métodos terapêuticos não-farmacológicos, não invasivos, efetivos e qualificados no âmbito da saúde mental, tais como a musicoterapia. Devido a isso, é de responsabilidade de todos os profissionais de saúde estarem aptos a receberem esses pacientes, com garantia de um cuidado integral e humanizado.

O conhecimento sobre a variedade de métodos não-farmacológicos em psiquiatria, em especial a música, é de fundamental importância para os profissionais da enfermagem, podendo capacitar e otimizar a prestação de cuidados, de forma a oferecer uma melhor qualidade assistencial e, conseqüentemente, melhor adaptação e adesão ao tratamento.

A enfermagem tem papel essencial nas práticas integrativas em saúde mental e deve utilizá-las como estratégia terapêutica não-farmacológica. Percebe-se que a musicoterapia fortalece vínculos entre profissional e paciente, facilitando, assim, a sistematização da

assistência de enfermagem. As subjetividades de cada indivíduo devem ser consideradas pelos enfermeiros no momento da terapia com música, a fim de obter respostas positivas dos pacientes em relação ao tratamento. O bem-estar e o desenvolvimento pessoal dos pacientes com sofrimento psíquico é de responsabilidade da equipe e estão diretamente relacionados à qualidade da assistência.

Apesar de terem sido encontrados fundamentos teóricos suficientes sobre a musicoterapia e as práticas integrativas em saúde, ainda é necessária a ampliação dos estudos sobre o tema, a fim de fortalecer esse tipo de terapia.

Para os acadêmicos de enfermagem, o presente artigo pode sensibilizá-los para um olhar mais humanizado no âmbito da saúde mental, aumentando o interesse dos estudantes para o cuidado junto ao paciente com sofrimento psíquico.

Apesar de diferentes profissionais terem publicado sobre a musicoterapia como estratégia na saúde mental, ressalta-se que os enfermeiros foram responsáveis por grande parte dessas pesquisas. É notável que os enfermeiros têm um papel fundamental na prática terapêutica utilizando a música, o que evidencia que é uma intervenção recorrente e necessária nos cuidados de enfermagem.

Ressalta-se, por fim, avaliando o referencial teórico em território brasileiro, que o quantitativo de estudos realizados no Centro-Oeste foram incipientes, o que implica a necessidade de novos estudos na região, com abordagens diferenciadas e ampliadas do uso da música, as quais podem facilitar a estratégia complementar na saúde mental.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.S.; SILVA, M.R. Os efeitos das atividades musicais como modalidade alternativa de cuidado em saúde mental. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, v. 2, n. 01, p. 13-20, jan. 2013.

ALMEIDA, D.A.; ZEFERINO, M.G.M.; FUREGATO, A.R.F. Relação de ajuda do enfermeiro com portadores de transtornos mentais através de oficina musical. **Revista de Iniciação Científica da Libertas**. São Sebastião do Paraíso, v. 3, n.2, p. 82-95, dez. 2013.

ARAÚJO, T.C. *et al.* Uso da música nos diversos cenários do cuidado: revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 28, n. 1, p. 96-106, jan./abr. 2014.

AZEVEDO, A.L.; ARAÚJO, S.T.C.; VIDAL, V.L.L. Como o estudante de enfermagem percebe a comunicação com o paciente em saúde mental. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 125-31, 2015.

AZEVEDO, D. M.; MIRANDA, F. A. N. Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 339-345, abr/jun, 2011.

BARCELOS, V.M. *et al.* A Musicoterapia Em Pacientes Portadores De Transtorno Mental. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**. Recife: v.12, n. 4, p. 1054-1059, abr. 2018.

BATISTA, E.C.; FERREIRA, D.F. A música como instrumento de reinserção social na saúde mental: um relato de experiência. **Revista Psicologia Em Foco**, Frederico Westphalen, v. 7, n.9, p. 67-79, jul. 2015.

BATISTA, N.S.; RIBEIRO, M.C. O uso da música como recurso terapêutico em saúde mental. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. São Paulo: v. 27, n. 3, p. 336-41, set/dez. 2016.

BERNARDES, M. M. Musicoterapia como recurso auxiliar na vinculação saudável de cuidadores e pacientes. **Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v.1, s/n, p. 957-975, 2012.

BEZERRA, I.C. *et al.* Uso de psicofármacos na atenção psicossocial: Uma análise à luz da gestão do cuidado. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro: v. 40, n. 110, p. 148-161, jul/set. 2016.

BRASIL. **Lei Nº 10.216**, de 6 de Abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 971**, de 03 de Maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html>. Acesso em: 08 de junho de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 3.088**, de 23 de Dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: <

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 2.840**, de 29 de Dezembro de 2014. Cria o Programa de Desinstitucionalização integrante do componente Estratégias de Desinstitucionalização da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), e institui o respectivo incentivo financeiro de custeio mensal. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2840_29_12_2014.html>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 849**, de 27 de Março de 2017. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Disponível em: <<http://ba.corens.portalcofen.gov.br/wp-content/uploads/2017/03/portaria-849-27-de-mar%C3%A7o-2017-Praticas-integrativas-e-complementares-2.pdf>>. Acesso em: 08 de junho de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva e Secretaria de Atenção à Saúde. **Glossário Temático: Práticas Integrativas e Complementares em Saúde**.

BULECHEK, G. *et al.* **NIC – Classificação das Intervenções de Enfermagem**. Tradução da 6ª edição. Porto Alegre: Elsevier, 2016.

CÂMARA, Y.M.R.; CAMPOS, M.R.M.; CÂMARA, Y.R. Musicoterapia Como Recurso Terapêutico Para A Saúde Mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v.5, n.12, p.94-117, 2013.

CARVALHO, L. *et al.* A construção de um projeto terapêutico singular com usuário e família: Potencialidades e Limitações. **O Mundo da Saúde**. São Paulo; v. 36 n. 3, p. 521-525, jul/set. 2012.

COFEN (Conselho Federal de Enfermagem). **Resolução COFEN n. 581, de 2018**. Atualiza, no âmbito do Sistema Cofen/Conselhos Regionais de Enfermagem, os procedimentos para Registro de Títulos de Pós - Graduação Lato e Stricto Sensu concedido a Enfermeiros e aprova a lista das especialidades. Brasília (DF); 2012. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-581-2018_64383.html>. Acesso em: 6 de maio de 2019.

DAVIS, W.; HADLEY, S. A History Of Music Therapy. In: WHEELER, B.L. (Ed) **Music Therapy Handbook**. New York: The Guilford Press, p. 17-28. 2015.

FRANZOI, M. A. H. *et al.* Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Texto & Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 25, n. 1, e1020015, 2016.

FREITAS, L. *et al.* Musicoterapia como modalidade terapêutica complementar para usuários em situação de sofrimento psíquico. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, Recife, v. 7, n. 12, p. 6725-31, dez. 2013.

FUREGATO, A. R. *et al.* Current professional practice in Brazilian mental healthcare services. **Revista de Salud Pública**, [S.l.], v. 14, n. 6, p. 935-945, nov. 2012.

JORGE, M. S. *et al.* Promoção da Saúde Mental – Tecnologias do Cuidado: vínculo, acolhimento, co-responsabilização e autonomia. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro: v.16, n.7, p. 3051-3060, julho. 2011.

LEONARDO, B.C. *et al.* Prevalência de Transtornos Mentais e Utilização de Psicofármacos em Pacientes Atendidos em um Ambulatório médico de Especialidades. **Arquivos Catarinenses de Medicina**. v. 46, n. 2, p. 39-52, abr/jun. 2017.

LIMA, F.; SICILIANI, C.; DREHMER, L. O perfil atual da saúde mental na atenção primária brasileira. **Com. Ciências Saúde**. Porto Alegre, RS: vol. 24, n. 2, p. 143-148, set. 2012.

LITH, T.; FENNER, P.; SCHOFIELD, M. The lived experience of art making as a companion to the mental health recovery process. **Disability and Rehabilitation**. v. 33, n. 8, p. 652-660, autumn. 2011.

MELLO, L. C. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro: Automática Edições Ltda, 2014.

MOORE, K.S. A systematic review on the neural effects of music on emotion regulation: Implications for music therapy practice. **Journal of Music Therapy**, v. 50, no. 3, p. 198-242, fall. 2013.

NASCIMENTO, E. *et al.* Oficinas terapêuticas com música em saúde mental. **Revista Contexto & Saúde**, v. 18, n. 34, p. 15-19, 28 jun. 2018.

NÓBREGA, E.; SOUSA, M. Música na Assistência de Enfermagem: resultados baseados em evidências. **InterScientia**, João Pessoa, v.1, n.3, p.103-114, set./dez. 2013.

PARANHOS-PASSOS, F.; AIRES, S. Reinserção social de portadores de sofrimento psíquico: o olhar de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 13-31, jan./mar. 2013.

ROHR, R.; ALVIM, N. Nursing interventions with music: an integrative literature review. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 3832-3844, jan. 2016.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo; v. 20, n. 2, p., abr./jun. 2007.

SEKI, N.H.; GALHEIGO, S.M. O uso da música nos cuidados paliativos: humanizando o cuidado e facilitando o adeus. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu; v. 14, n. 33, p. 273-84, abr/jun. 2010.

SILVA, G.J. *et al.* Utilização de experiências musicais como terapia para sintomas de náusea e vômito em quimioterapia. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 67, n. 4, p. 630-36, jul/ago. 2014.

SILVA, M. L.; ROSA, S.S. Jogos e música: recursos terapêuticos ocupacionais no tratamento de adolescentes usuários de substâncias psicoativas. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro; v. 14, n. 4, p. 58-65, out/dez. 2017.

SILVA FILHO, J. A. *et al.* Assistência em saúde mental para além da medicalização: revisão integrativa. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. v.12, n.42, p. 641-658, out/dez, 2018.

TAETS, G.G.; BARCELLOS, L.R. Música no cotidiano de cuidar: um recurso terapêutico para enfermagem. **Revista de Pesquisa: cuidado é fundamental online**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 1009-1016, jul/set. 2010.

ZANELLA, M. *et al.* Medicalização e saúde mental: Estratégias alternativas. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, s.v., n. 15, p. 53-62, jun. 2016.